

PIMENTA NOS OLHOS

» RICARDO DAEHN
» TIAGO FARIA
» YALE GONTIJO

Se “de caju em caju”, na marcação de tempo alternativa do cineasta baiano Edgard Navarro, ele faz um filme; no Cine Brasília, a reação do público vem em outra dinâmica: é de vaia em vaia ou de intervenção em protesto. E foi na quarta noite da mostra competitiva do 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, quando Navarro apresentou *O homem que não dormia*, que o público se fez presente. A menção do apresentador Murilo Grossi à causa dos “irmãos palestinos”, por um território “livre e reconhecido”, foi apenas o estopim para as primeiras manifestações.

Defendendo a memória de Arne Sucksdorff, emblemático cineasta sueco dado às causas da ecologia brasileira, no curta *Elogio da Graça*, o diretor Joel Pizzini exaltou, no palco, o “festival mais politizado do país”. Mas foi quando inflamou o “público exigente e impiedoso” que ele recebeu a ressaca, num coro crescente de vaias, ao comemorar “o fim da ditadura do ineditismo”, tópico polêmico nesta edição, que selecionou títulos já vistos no país.

A reação do público também tolheu o interminável discurso de Edgard Navarro, ao falar dos bastidores de *O homem que não*



dormia, da trajetória artística, da vida e da necessidade da humanidade “por concórdia”. Excessivo, Navarro agradeceu “às forças da natureza” por estar no festival. “Não é algo que acontece muitas vezes na vida de um nordestino. Da última vez (com o longa *Eu me lembro*) foi uma festa, quase me mataram soterrado em Candangos”, disse o diretor, que em 2005 foi premiado com sete troféus.

Ainda durante os créditos finais do filme, ele dançou diante da tela do Cine Brasília. “A sessão bateu bem, parece que o povo gostou”, comentou. Se exaltou mestres da radicalidade, que souberam se “desnudar” como Pier Paolo Pasolini, Akira Kurosawa, Federico Fellini e “sempre

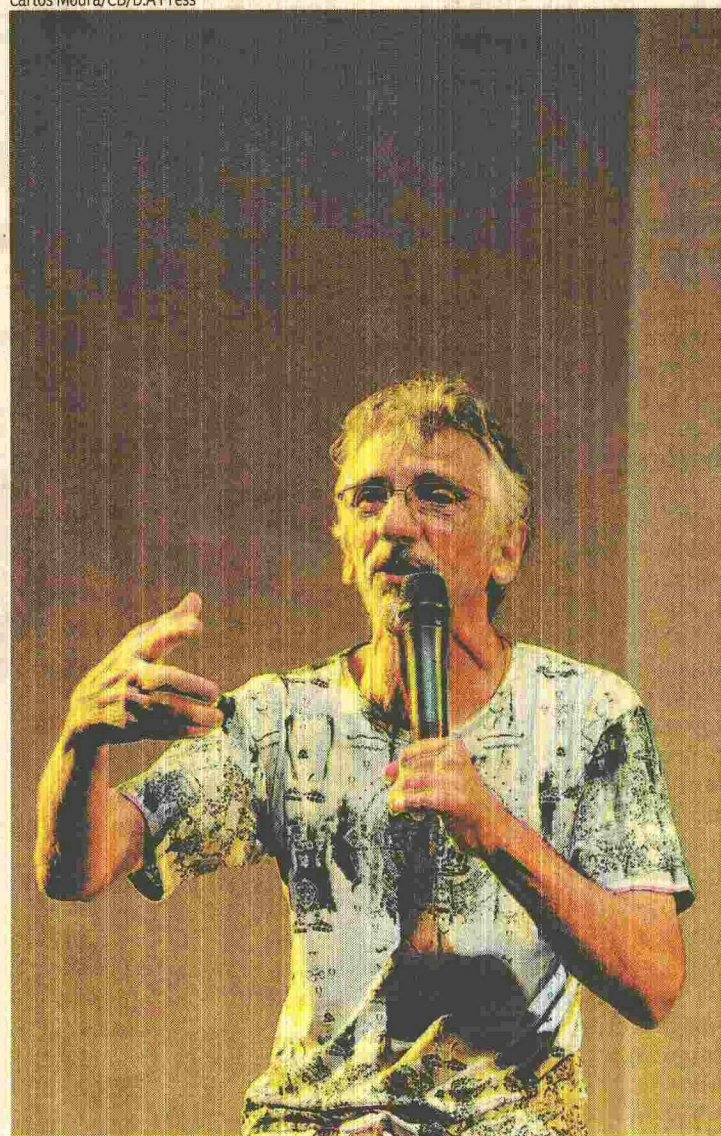
Glauber Rocha, claro”, o diretor não deixou de alfinetar a supremacia do dito Primeiro Mundo: “A alegria genuína do povo faz com que possamos prosseguir, ensinando os europeus decadentes a sobreviver”.

Discutindo o longa, Edgard Navarro assumiu paralelo com a caótica obra do artista Arthur Bispo do Rosário. “Virei o cavalo (receptáculo) do filme. Ouvia vozes. A esquizofrenia de fazer o filme me isentava de uma internação ou de um suicídio. O filme é enigmático para mim também”, avaliou. Macumba, crítica espirituosa ao catolicismo e masturbação grupal de cegos da melhor idade temperam *O homem que não dormia*. “Quem trabalha com o Edgard já sabe que tem que haver entrega”, observou o ator Bertrand Duarte (do cultuado *Supertrotro*), no debate de ontem.

“Talismã” do diretor, escalado para interpretar um peregrino, o pioneiro cineasta baiano Luiz Paulino dos Santos — versado em ioga, meditação e Santo Daime — foi quem deu certo equilíbrio às filmagens. “Aliviei com o meu personagem, porque o filme é forte e já tinha cenas bem carregadas”, comentou. “Eu rigorosamente digo que não coloquei nada para chocar. Já estou chocado há muito tempo”, defendeu-se o cineasta.

Colaborou Felipe Moraes

Carlos Moura/CB/D.A Press



Navarro agradeceu “às forças da natureza” a participação no festival